

CARAMBAIA





SALAMMBÔ
GUSTAVE
FLAUBERT

TRADUÇÃO Ivone Benedetti
POSFÁCIO Samuel Titan Jr.



O festim	7
Em Sica	35
Salammbô	65
Sob as muralhas de Cartago	77
Tanit	103
Hanão	127
Amílcar Barca	155
A batalha do rio Macar	209
Em campanha	235
A serpente	257
Na tenda	277
O aqueduto	305
Moloch	335
O desfiladeiro do Machado	385
Mâthos	437
Posfácio	451



O FESTIM

MÉGARA, SUBÚRBIO DE CARTAGO, NOS JARDINS DE AMÍLCAR.

Os soldados que Amílcar comandara na Sicília banquetavam-se à larga para festejar o aniversário da batalha do Monte Érice e, como o comandante estava ausente e eles eram muitos, todos comiam e bebiam em total liberdade.

Os capitães, usando coturnos de bronze, tinham-se posto no corredor central, debaixo de um toldo de púrpura com franjas de ouro, que se estendia desde a parede das cavala-riças até o primeiro terraço do palácio; os soldados comuns estavam espalhados sob as árvores, de onde se distinguiam inúmeras construções com telhados planos, lagares, celeiros,

armazéns, padarias e arsenais, com um grande pátio para elefantes, fossos para feras e uma prisão para escravos.

As cozinhas eram circundadas por figueiras; um bosque de sicômoros prolongava-se até massas de vegetação, onde romãs resplandeciam entre tufos brancos de algodoeiros, videiras carregadas de cachos subiam pelas ramagens de pinheiros, roseirais desabrochavam sob plátanos; de espaço a espaço sobre a relva balançavam-se lírios; uma areia preta misturada a pó de coral espargia-se pelas veredas e, no centro, a avenida de ciprestes formava de uma extremidade a outra uma espécie de dupla colunata de obeliscos verdes.

O palácio, bem no fundo, construído de mármore núpida mosqueado de amarelo, sobrepunha sobre amplas fundações seus quatro andares em forma de terraços. Com sua grande escadaria reta de ébano, que no ângulo de cada degrau ostentava a proa de uma galera vencida, com suas portas vermelhas esquadreladas por uma cruz preta, com suas telas de bronze, que, na base, o defendiam dos escorpiões, com suas rótulas de ripas douradas que fechavam as aberturas superiores, esse palácio, em sua feroz opulência, parecia aos soldados tão solene e impenetrável quanto o rosto de Amílcar.

O Conselho elegera a casa dele para a realização do festim. Os convalescentes que dormiam no templo de Echmun¹, pondo-se em marcha ao romper do dia, haviam-se arrastado

8

até ali em suas muletas. A cada instante chegavam outros. De todos os caminhos, eles desembocavam incessantemente, como torrentes a se precipitarem num lago. Entre as árvores, via-se correr os escravos das cozinhas, aturdidos e seminus; as gazelas sobre a relva fugiam balindo; o sol se punha, e o perfume dos limoeiros tornava ainda mais pesadas as exalações daquela multidão suada.

Havia ali homens de todas as nações: lígures, lusitanos, baleares, negros e fugitivos de Roma. Ao lado do pesado dialeto dórico, ouvia-se retinir as sílabas celtas crepitantes como carros de batalha, e com as terminações jônicas colidiam as consoantes do deserto, ásperas como gritos de chacal. Os gregos podiam ser reconhecidos pela esbeltez; os egípcios, pelos ombros encurvados; os cântabros, pelas panturrilhas grossas. Alguns cariates balançavam orgulhosamente as plumas de seus capacetes; arqueiros da Capadócia haviam pintado com sumo de ervas grandes flores pelo corpo; e alguns lídios, usando roupas femininas, comiam de chinelos e com grandes brincos nas orelhas. Outros, que com pompa se haviam lamuzado de vermelhão, pareciam estátuas de coral.

Deitavam-se sobre almofadas, comiam acorados ao redor de grandes bandejas ou então, de bruços, puxavam para si os pedaços de carne e saciavam-se apoiados nos cotovelos, na pacífica posição dos leões, quando despedaçam a presa. Os últimos a chegar, em pé e encostados às árvores, olhavam as mesas baixas, meio cobertas por tapeçarias escarlates, e esperavam sua vez.

9

1. Echmun, junto a Hammon e Tanit, representavam as três divindades principais cultuadas em Cartago. [TODAS AS NOTAS SÃO DESTA EDIÇÃO]

Como as cozinhas de Amílcar não eram suficientes, o Conselho enviara escravos, baixela e leitões, e no meio do jardim viam-se grandes fogueiras nas quais eram assados bois inteiros, tal como se queimam os mortos nos campos de batalha. Os pães polvilhados de anis alternavam-se com grandes queijos, mais pesados que discos de arremesso, com ânforas cheias de vinho e cântaros cheios de água, ao lado de cestinhas filigranadas de ouro que continham flores. A alegria de poderem finalmente empanzinar-se à vontade dilatava todos os olhos, e daqui e dacolá começavam as canções.

Primeiro foram servidas aves com molho verde em pratos de barro vermelho com desenhos pretos; depois, em pratos de âmbar amarelo, todas as espécies de mariscos que se apanham nas costas púnicas, mingaus de frumento, favas e cevada, caracóis com cominho.

Em seguida as mesas foram cobertas de carne: antílopes com chifres, pavões com penas, carneiros inteiros cozidos no vinho suave, gigôs de camelas e de búfalos, ouriços condimentados com garo, cigarras fritas e arganazes em conserva. Em gamelas de madeira de Tamrapanni flutuavam grandes pedaços de banha no meio do açafirão. Tudo abundava em salmoura, trufas e assa-fétida. As pirâmides de fruta desmoronavam sobre favos de mel, e não tinham sido esquecidos nem sequer alguns daqueles câezinhos barbigudos, de pelo sedoso e rosado, engordados com bagaço de azeitonas: iguaria cartaginesa abominada pelos outros povos. A surpresa dos alimentos novos excitava a cobiça dos

10

estômagos. Os gauleses, de cabelos compridos e presos no alto da cabeça, disputavam melancias e limões, mordendo-os com casca e tudo. Os negros, que nunca tinham visto lagostas, feriam-se o rosto com seus rubros apêndices pontudos. Mas os gregos, barbeados e mais brancos que mármore, jogavam para trás as cascas que sobravam em seus pratos, ao passo que os pastores do Brúcio, vestidos com pele de lobo, devoravam tudo em silêncio, com o rosto inclinado sobre sua porção.

Anoitecia. Retirou-se o velário estendido sobre a avenida de ciprestes e trouxeram-se tochas.

Os clarões vacilantes do petróleo que ardia em vasos de pórfito assustavam os macacos consagrados à Lua que estavam no alto dos cedros. Os gritos que soltaram provocaram o riso dos soldados.

Chamas oblongas tremulavam sobre as couraças de bronze. Dos pratos incrustados de pedras preciosas brotava todo tipo de cintilação. As ânforas, com bordas de espelhos convexos, multiplicavam a imagem ampliada das coisas, e os soldados, juntando-se em torno delas, miravam-se deslumbrados e faziam caretas para provocar o riso. Por cima das mesas, eles se arremessavam escabelos de marfim e espátulas de ouro. Engoliam em grandes tragos todos os vinhos gregos que estavam nos odres, os vinhos da Campânia contidos em ânforas, os vinhos da Cantábria carregados em tonéis, e os vinhos de jujuba, de cinamomo e de lódão. Pelo chão havia poças de vinho, em que se escorregava. A fumaça

11

das carnes subia para a folhagem com os vapores dos hálitos. Ouviam-se ao mesmo tempo os estalidos das mandíbulas, o ruído das falas, das canções e das taças, o estrépito dos vasos da Campânia que se despedaçavam ao cair, ou o tinido límpido de uma travessa de prata.

À medida que aumentava a embriaguez dos soldados, mais eles se recordavam da injustiça de Cartago.

Porque a República, exaurida pela guerra, deixara que se acumulassem na cidade todos os bandos que regressavam. Giscão, seu general, tivera porém a prudência de mandá-los de volta uns após outros, para facilitar a quitação de seus soldos, e o Conselho acreditara que eles acabariam por concordar com alguma redução. Mas agora os detestavam porque não podiam pagar-lhes. Aquela dívida confundia-se na mente do povo com os 3.200 talentos euboicos exigidos por Lutácio, e eles passaram a ser inimigos de Cartago, tanto quanto Roma. Os mercenários sabiam bem disso; por essa razão, sua indignação explodia na forma de ameaças e desordens. Por fim, pediram permissão de se reunir para celebrar uma de suas vitórias, e o partido da paz cedeu, vingando-se de Amílcar, que tanto defendera a guerra. Esta terminara a despeito de todos os esforços dele, de modo que, perdendo as esperanças em Cartago, ele delegara a Giscão a administração dos mercenários. Designar o palácio de Amílcar para recebê-los significava lançar sobre ele parte do ódio de que eram alvo. Aliás, os gastos deviam ser excessivos: ele arcaria com quase todos.

12

Orgulhosos por terem dobrado a República, os mercenários acreditavam que iam, enfim, voltar para casa, com o soldo de sangue no capuz do manto. Mas as fadigas que tinham suportado, rememoradas através dos vapores da embriaguez, pareciam-lhes prodigiosas e mal recompensadas. Mostravam ferimentos uns aos outros, narravam combates, viagens e caçadas da terra natal. Imitavam os gritos e os botes das feras. Depois vieram as apostas abjetas: mergulhavam a cabeça nas ânforas e ficavam bebendo sem interrupção, como dromedários sedentos. Um lusitano, de altura descomunal, com um homem pendente de cada uma das mãos, percorria as mesas lançando fogo pelas ventas. Os lacedemônios, que não haviam tirado as couraças, pulavam pesadamente. Alguns avançavam como mulheres, fazendo gestos obscenos; outros se desnudavam para combater, no meio das taças, à maneira dos gladiadores, e um grupo de gregos dançava em volta de um vaso com figuras de ninfas, enquanto um negro batia num escudo de bronze com um osso de boi.

De repente, ouviram um canto queixoso, um canto forte e suave que descia e subia nos ares como o bater de asas de um pássaro ferido.

Era a voz dos escravos no ergástulo. Alguns soldados levantaram-se de um salto para libertá-los e desapareceram.

Voltaram, empurrando em meio a gritos e poeira, uns vinte homens que se distinguiam pelo rosto mais claro. A cabeça raspada de cada um era coberta por pequeno barrete

13

cônico de feltro preto; todos calçavam sandálias de madeira que, no entanto, produziam um ruído de ferragem, como de carroças em marcha.

Chegando à avenida de ciprestes, perderam-se entre a multidão que os interrogava. Um deles permanecera a certa distância, em pé. Através dos rasgões da túnica ficavam à mostra seus ombros marcados por longas cicatrizes. Com o queixo encostado ao peito, olhava ao redor com desconfiança e fechava um pouco as pálpebras para o clarão ofuscante das tochas. Quando viu que nenhum daqueles homens armados lhe era hostil, um fundo suspiro subiu de seu peito; ele balbuciava e, ao mesmo tempo, ria por baixo das lágrimas límpidas que lhe lavavam o rosto; por fim, pegou pelas asas um cântaro cheio, ergueu-o com os braços estendidos, dos quais pendiam grilhões, e, olhando o céu, segurando a taça, disse:

— Um brinde a ti, Baal² Echmun libertador, que a gente de minha pátria chama Esculápio! E a vós, gênios das nascentes, da luz e dos bosques! E a vós, deuses ocultos sob as montanhas e nas cavernas da terra! E a vós, homens fortes, de armaduras reluzentes, que me libertastes!

Deixou cair a taça e contou sua história. Chamava-se Espêndio. Fora aprisionado pelos cartagineses na batalha de

14

Eginusas e, como falava grego, lígure e cartaginês, agradeceu mais uma vez aos mercenários; beijava-lhes as mãos e, por fim, felicitando-os pelo banquete, mostrou-se admirado por não ver ali as taças da Legião Sagrada. Tais taças, que tinham uma videira de esmeraldas em cada uma de suas seis faces de ouro, pertenciam a uma milícia exclusivamente composta de jovens patrícios, os de mais elevada estatura. Eram um privilégio, quase uma honra sacerdotal; por isso, entre os tesouros da República, nada era mais cobiçado pelos mercenários. Estes detestavam a Legião por esse motivo, e sabia-se de alguns que arriscavam a vida pelo inconcebível prazer de beber numa delas.

Os mercenários ordenaram que se buscassem as taças. Estas ficavam depositadas nas sissítias, companhias de comerciantes que faziam refeições em comum. Os escravos voltaram. Naquela hora, todos os membros das sissítias estavam dormindo.

— Que sejam acordados! – gritaram os mercenários.

Depois de uma segunda tentativa, foi-lhes explicado que as taças estavam trancadas num templo.

— Que seja aberto! – replicaram eles.

E quando os escravos, tremendo, confessaram que elas estavam em poder do general Giscão, eles exclamaram:

— Que ele as traga!

Logo Giscão apareceu no fundo do jardim, com uma escolta da Legião Sagrada. Seu amplo manto preto, que, preso na cabeça por uma mitra de ouro salpicada de pedras

15

2. Baal, ou Ba'al, além de designar a divindade suprema cultuada por povos na Antiguidade, é um título honorífico, com o significado de "Senhor", "Mestre".

preciosas, pendia ao redor até os cascos de seu cavalo, confundia-se, de longe, com a cor da noite. Só se distinguiam sua barba branca, a cintilação da mitra e o colar triplo de largas placas azuis que batia contra seu peito.

Quando ele entrou, os soldados o saudaram com forte aclamação, gritando:

— As taças! As taças!

Ele começou por declarar que, considerando que eram corajosos, eles eram dignos delas. A multidão gritou de alegria e o aplaudiu.

Ele, que os comandara e regressara com a última coorte na última galera, sabia muito bem disso.

— É verdade! É verdade! – diziam eles.

No entanto, continuou Giscão, a República respeitara as divisões dos mercenários em povos, costumes e cultos; eles eram livres em Cartago. Quanto às taças da Legião Sagrada, eram propriedade particular. De repente, do lado de Espêndio, um gaulês lançou-se sobre as mesas e correu direto até Giscão, ameaçando-o e gesticulando com duas espadas desembainhadas.

O general, sem se interromper, atingiu-o na cabeça com seu pesado bastão de marfim; o bárbaro caiu. Os gauleses vociferavam, e o furor deles, comunicando-se aos outros, arrebatava os legionários. Giscão deu de ombros; sua coragem seria inútil contra aqueles animais brutos, exasperados. Seria melhor vingar-se deles mais tarde, por meio de algum ardis; por isso, fez sinal a seus soldados e afastou-se lentamente.

16

Depois, ao transpor a porta, voltou-se para os mercenários e gritou-lhes que se arrependeriam.

O festim recomeçou. Mas Giscão podia voltar e, cercando o arrabalde que confinava com as últimas muralhas, esmagá-los contra estas. Então se sentiram sós, apesar de numerosos, e a grande cidade que dormia a seus pés, nas sombras, de repente lhes inspirou medo, com seu acúmulo de escadarias, suas casas altas e negras e seus deuses vagos, mais ferozes ainda que seu povo. Ao longe, alguns fanais deslizavam sobre o porto, e havia luzes no templo de Hammon. Lembraram-se de Amílcar. Onde estava ele? Por que os abandonara, depois de concluída a paz? Suas dissensões com o Conselho decerto não passavam de jogo para arruiná-los. Recaía sobre ele o ódio não saciado dos mercenários, que, amaldiçoando-o, exasperavam-se mutuamente com a própria cólera. Nesse momento, formou-se um ajuntamento debaixo dos plátanos. Era para ver um negro que rolava pelo chão, debatendo-se, com os olhos parados, o pescoço contorcido, os lábios espumando. Alguém gritou que ele estava envenenado. Todos se acreditaram envenenados. Caíram sobre os escravos; ergueu-se um clamor assustador, e uma vertigem de destruição turbilhonou sobre o exército embriagado. Todos desfechavam golpes a esmo ao redor, despedaçavam, matavam; uns lançavam tochas no meio da folhagem; outros, debruçando-se nas balaustradas dos leões, matavam-nos com flechadas; os mais ousados correram até os elefantes, querendo decepar-lhes as trombas e comer suas presas.

17

Enquanto isso, alguns fundibulários baleares que, para saquearem mais comodamente, tinham dobrado a esquina do palácio foram detidos por elevada barreira de ratã. Cortaram com seus punhais as correias da fechadura e logo se viram sob a fachada que dava para Cartago, noutra jardim cheio de plantas modeladas. Linhas de flores brancas enfileiradas descreviam sobre o solo azulado grandes parábolas, como jatos de estrelas. Os arbustos, em meio às trevas, exalavam aromas quentes, adocicados. Havia troncos emplastrados de cinábrio que se assemelhavam a colunas ensanguentadas. No centro, viam-se doze pedestais de cobre, cada um dos quais sustentava uma grande esfera de vidro: clarões avermelhados preenchiam confusamente tais globos ocos como enormes pupilas ainda palpitantes. Os soldados iluminavam-se com tochas, tropeçando no declive do terreno profundamente revolvido.

Avistaram um pequeno lago dividido em vários tanques por muros de pedras azuis. A água, tão límpida que as chamas das tochas tremulavam até o fundo, num leito de seixos brancos e ouro em pó, começou a borbulhar, palhetas luminosas puseram-se a deslizar e logo apareceram à superfície grandes peixes trazendo gemas preciosas na boca.

Os soldados, rindo muito, engancharam os dedos em suas guelras e os levaram para as mesas.

Eram os peixes da família Barca. Descendiam dos barbotos primordiais que fizeram eclodir o ovo místico no qual se ocultava a Deusa. A ideia de cometer um sacrilégio atijou a

18

gula dos mercenários; logo acenderam fogo sob vasilhas de bronze e divertiram-se a olhar os belos peixes debater-se na água fervente.

A massa de soldados se apinhava. Já não tinham medo. Recomeçaram a beber. Os unguentos que lhes escorriam da fronte respingavam como grandes gotas nas túnicas esfarrapadas, e, apoiando-se com punhos cerrados às mesas que lhes pareciam oscilar como navios, eles contemplavam tudo à volta com olhares ébrios, para devorar com a visão o que não podiam agarrar. Outros, andando entre os pratos, sobre as toalhas de púrpura, quebravam com pontapés os escabelos de marfim e os frascos de vidro de Tiro. As canções confundiam-se com o estertor dos escravos que agonizavam entre as taças quebradas. Os soldados pediam vinho, carnes, ouro. Gritavam que queriam mulheres. Deliravam em cem línguas. Alguns julgavam-se em estufas, por causa do vapor que flutuava ao redor, ou então, avistando a folhagem, imaginavam-se numa caçada e lançavam-se sobre os companheiros como sobre animais selvagens. O incêndio, que passara de uma árvore a outra, dominava-as todas, e as elevadas massas vegetais, que manavam longas espirais brancas, pareciam vulcões que começam a expelir fumaça. O clamor redobrava; os leões feridos rugiam nas sombras.

O palácio iluminou-se de chofre no terraço superior, a porta do meio abriu-se, e uma mulher, a própria filha de Amílcar, totalmente vestida de negro, apareceu no limiar.

19

Desceu a primeira escada, que contornava obliquamente o primeiro andar, depois a segunda, a terceira, e parou no último terraço, no alto da escada das galeras. Imóvel e cabisbaixa, olhava para os soldados.

Atrás dela, de cada lado, mantinham-se duas longas filas de homens pálidos, vestidos de túnica branca com franjas vermelhas que lhes iam até os pés. Não tinham barbas, nem cabelos, nem sobrancelhas. Nas mãos, resplandecentes de anéis, traziam enormes liras e cantavam, todos, com voz aguda, um hino à divindade de Cartago. Eram os sacerdotes eunucos do templo de Tanit, que muitas vezes Salammbô chamava à sua casa.

Por fim, ela desceu a escada das galeras. Os sacerdotes seguiram-na. Ela avançou para a avenida de ciprestes; andava devagar entre as mesas dos capitães, que recuavam um pouco, vendo-a passar.

Sua cabeleira, empoada com uma areia violeta e atada em forma de torre, segundo a moda das virgens cananeias, fazia-a parecer mais alta do que era. Tranças de pérolas presas às têmporas desciam-lhe até os cantos da boca, rosada como uma romã entreaberta. Sobre o peito via-se um arranjo de pedras luminosas que, em sua variegação, imitavam as escamas da moreia. Os braços, ornados de diamantes, saíam nus da túnica sem mangas e salpicada de flores vermelhas sobre fundo todo preto. Entre os tornozelos, ela usava uma correntinha de ouro para lhe regular a marcha, e a cauda de seu amplo manto de púrpura escura, feito de um

tecido desconhecido, arrastava-se atrás dela, formando a cada passo seu uma larga vaga que a acompanhava.

Os sacerdotes, vez por outra, dedilhavam nas liras acordes quase abafados, e nos intervalos da música ouvia-se o leve ruído da correntinha de ouro com o estalido regular das sandálias de papiro.

Ninguém a conhecia ainda. Só se sabia que vivia em retiro, dedicada a práticas devotas. Alguns soldados a tinham avistado, à noite, no alto de seu palácio, ajoelhada diante das estrelas, entre turbilhões de incensários acesos. Fora a lua que a tornara tão pálida, e algo provindo dos deuses a envolvia como um vapor sutil. Suas pupilas pareciam fitar ao longe, para além dos espaços terrestres. Ela caminhava inclinando a cabeça e, na mão direita, levava uma pequena lira de ébano.

Ouviam-na murmurar:

— Mortos! Todos mortos! Não mais atendereis à minha voz, quando, sentada na beira do lago, eu vos lançava na goela sementes de melancia! O mistério de Tanit girava no fundo dos vossos olhos, mais límpidos que os glóbulos dos rios.

E ela os chamava pelos nomes, que eram os nomes dos meses:

— Siv! Sivan! Thamuz, Elul, Tischri, Schebar! Ah! Piedade de mim, ó Deusa!

Os soldados, sem compreenderem o que ela dizia, aglomeravam-se ao seu redor; estavam estupefatos com seus atavios. Ela fez passar sobre todos eles uma longa mirada

assustada, depois, afundando a cabeça entre os ombros e estendendo os braços, repetiu várias vezes:

— Que fizestes! Que fizestes! Para vossa alegria, tínheis pão, carnes, azeite, todo o malóbatro dos celeiros! Mande trazer bois de Hecantópilo³, envie caçadores ao deserto!

O volume de sua voz aumentava, a face deles tornava-se púrpura. Ela acrescentou:

— Onde acreditais estar? Numa cidade conquistada ou no palácio de um senhor? E que senhor? O sufeta Amílcar, meu pai, servidor dos baalim⁴! Vossas armas, tintas de sangue dos seus escravos, foram as mesmas que ele recusou a Lutácio! Conheceis alguém, em vossa pátria, que saiba comandar melhor as batalhas? Olhai! Os degraus de nosso palácio estão atulhados de troféus de nossas vitórias! Continuai! Incendiai-o! Levarei comigo o Gênio da minha casa, minha serpente negra que dorme lá em cima, sobre folhas de lódão! Assobiarei, e ela me seguirá; e, se eu embarcar numa galera, ela correrá na esteira de meu navio, sobre a espuma das ondas!

Suas narinas delgadas palpitavam. Ela apertava as unhas contra as pedras preciosas do peito. Seus olhos se tornaram melancólicos, e ela prosseguiu:

— Ah! Pobre Cartago! Lastimável cidade! Já não tens para te defender os homens fortes de outrora, que atravessavam

22

os oceanos para erguer templos à beira-mar. Todos os territórios trabalhavam em torno de ti, e as planícies do mar, aradas por teus remos, embalavam tuas messes.

Então começou a cantar as aventuras de Melkart⁵, deus dos sidônios e patrono de sua família.

Falava da subida das montanhas de Ersifônia⁶, da viagem a Tartesso e da guerra contra Masisabal, para vingar a rainha das serpentes.

— Na floresta, ele perseguia o monstro-fêmea cuja cauda ondulava sobre as folhas mortas, como um regato de prata; e chegou a um prado onde mulheres com traseiro de dragão rodeavam uma fogueira, em pé na ponta do rabo. A lua, cor de sangue, resplandecia num círculo pálido, e as línguas es-carlates dos monstros, fendidas como arpões de pescadores, espichavam-se, recurvando-se até a beira da chama.

E Salammbô, sem se deter, contou como Melkart, depois de ter vencido Masisabal, pôs sua cabeça decepada na proa do navio.

— Cada vez que as ondas rebentavam contra o casco, a cabeça mergulhava na espuma; o sol a embalsamava: ela se tornou mais dura que ouro; os olhos não paravam de chorar, e as lágrimas caíam continuamente na água!

23

3. Cidade da Líbia (atual Tébesa, na Argélia).

4. Plural de Baal, divindade cultuada em muitas comunidades do Oriente Médio.

5. O nome Amílcar provém de Ha-Melkart, servidor de Melkart, deus fenício também aportuguesado como Melcarte.

6. Atual região da Ligúria (Itália).

Ela cantava tudo isso num velho idioma cananeu que os bárbaros não entendiam. Estes se perguntavam o que ela estaria dizendo com os gestos assustadores que acompanhavam suas palavras; e rodeando-a, trepados nas mesas, em leitos, em galhos dos sicômoros, boquiabertos, com o pescoço espichado, tentavam apreender aquelas histórias vagas que oscilavam diante de sua imaginação, através da obscuridade das teogonias, como fantasmas em nuvens.

Apenas os sacerdotes desbarbados compreendiam Salammbô. As mãos deles, sulcadas, pendentes sobre as cordas das liras, estremeciam e a intervalos extraíam delas algum acorde lúgubre: porque eles, mais frágeis que velhas, tremiam tanto pela comoção mística quanto pelo medo que os homens lhes inspiravam. Os bárbaros não lhes davam atenção: continuavam dando ouvidos ao canto da virgem.

Nenhum deles a olhava como olhava um jovem comandante núpida que estava à mesa dos capitães, entre soldados de sua nação. Seu cinturão estava tão ouriçado de dardos que formava uma bossa em seu amplo manto, preso às têmporas por um cordão de couro. O tecido do manto, entreabrindo-se sobre os ombros, envolvia em sombra seu rosto, e só se distinguiam as duas chamas dos olhos. Era por acaso que ele se achava no festim: seu pai o mandara viver na casa dos Barcas, segundo o costume dos reis, que enviavam os filhos às famílias importantes, para preparar alianças. Nos seis meses em que Narr'Havas morava ali, nunca tinha visto Salammbô; e, sentado sobre os calcanhares, com a barba

tombando sobre as hastes de seus dardos, ele a contemplava com as narinas dilatadas, como um leopardo agachado num bambuzal.

Do outro lado das mesas estava um líbio de estatura colossal e negros cabelos curtos e crespos. Só conservara o saio militar, cujas lâminas de bronze esgarçavam a púrpura do leito. Um colar com uma lua de prata emaranhava-se nos pelos de seu peito. Respingos de sangue manchavam-lhe a face; apoiado no cotovelo esquerdo, ele sorria boquiaberto.

Salammbô já não se atinha ao ritmo sagrado. Empregava simultaneamente todos os idiomas dos bárbaros, delicadeza feminina para lhes serenar a ira. Aos gregos falava grego, depois se voltou para os lígures, os campanienses, os negros; e cada um, ao ouvi-la, redescobria em sua voz a doçura da pátria. Empolgada pelas recordações de Cartago, ela agora cantava as antigas batalhas contra Roma; eles aplaudiam. Ela se inflamava com a cintilação das espadas desembainhadas; gritava com os braços estendidos. Sua lira caiu, ela se calou; e, apertando o coração com ambas as mãos, ficou alguns minutos com os olhos fechados a saborear a agitação de todos aqueles homens.

Mâthos, o líbio, inclinava-se cada vez mais para ela. Involuntariamente, ela se aproximou e, impelida pelo reconhecimento do orgulho dele, despejou-lhe, numa taça de ouro, alentada quantidade de vinho, para se reconciliar com o exército.

— Bebe! – disse-lhe ela.

Ele pegou a taça e, quando a aproximava dos lábios, um gaulês – o mesmo que fora ferido por Giscão – bateu em seu ombro, dirigindo-lhe, com ar jovial, gracejos na língua de sua terra. Espêndio não estava longe; ofereceu-se para dar explicações.

— Fala! – disse Mâthos.

— Os deuses te protegem; vais ser rico. Para quando as núpcias?

— Que núpcias?

— As tuas! Porque em nossa terra – disse o gaulês – a mulher que dá bebida a um soldado está a lhe oferecer o leito.

Não terminara de dizer essas palavras e já Narr'Havas, dando um salto, puxou do cinturão um dardo e, apoiando o pé direito na beirada da mesa, arremessou-o contra Mâthos.

O dardo sibilou entre as taças e, atravessando o braço do líbio, cravou-o sobre a toalha com tanta força que a haste ficou vibrando no ar.

Mâthos arrancou o dardo rapidamente; mas não tinha armas, estava nu; por fim, erguendo com os braços a mesa atulhada, arremessou-a contra Narr'Havas, no meio da multidão que se precipitara entre eles. Os soldados e os nômidas apinhavam-se tanto que não conseguiam desembainhar os gládios. Mâthos avançou, abrindo caminho a cabeçadas. Quando ergueu a cabeça, Narr'Havas havia desaparecido. Olhou ao redor, buscando-o. Salammbô também tinha ido embora.

Então seus olhos se voltaram para o palácio, e ele viu, no alto, que a porta vermelha com cruz preta se fechava. Disparou naquela direção.

Todos o viram correndo entre as proas das galeras e depois reaparecer, percorrendo as três escadarias até a porta vermelha, que ele golpeou com toda a força de seu corpo. Arquejante, apoiou-se na parede para não cair.

Um homem o seguira, e, em meio às trevas – porque os clarões do festim estavam ocultados pela esquina do palácio –, ele reconheceu Espêndio.

— Sai daqui! – disse-lhe ele.

O escravo, sem responder, começou a rasgar a túnica com os dentes; depois, ajoelhando-se aos pés de Mâthos, tomou-lhe o braço delicadamente e o apalpou na escuridão, para encontrar o ferimento.

Sob um raio de luar surgido entre as nuvens, Espêndio viu uma chaga aberta no meio do braço de Mâthos. Enrolou em torno dela o pedaço de tecido, mas o outro, irritado, dizia-lhe:

— Deixa-me! Deixa-me!

— Não! – replicou o escravo. — Tu me livraste do ergástulo. Eu te pertenço! És meu amo! Ordena!

Mâthos, roçando as paredes, fez o giro do terraço. A cada passo, aplicava o ouvido e, por entre os intervalos das rótulas douradas, mergulhava o olhar nos aposentos silenciosos. Por fim, parou com ar desesperado.

— Escuta! – disse-lhe o escravo. — Não me desprezes pela minha fraqueza! Vivi no palácio. Posso escorregar entre seus